

CATEGORIA "CONEXÃO ENTRE TEXTO E DESENHO"

1º LUGAR - TRABALHO DE DUPLA - LUCA BUENO SILVARES E MATHEUS ZON MURAD (5º B)  
"EMÍLIA NA ARTE CONTEMPORÂNEA"



CENTRO EDUCACIONAL LEONARDO DA VINCI

Aluno(a): Matheus Zon Murad 5º ano: B  
Professor(a): Elaine Lopes Data: 26 / 09 / 12

Espaço para produção do desenho





Aluno(a): Luca Bueno Silveira

5º ano: B

Professor(a): Elaine Lopez

Data: 18/9/12

**Espaço para produção do texto**

Emília na arte contemporânea

E aí gente! Vou contar a vocês como foi minha curta viagem à Itália, lá observei muitas coisas interessantes, mas o que mais me chamou atenção foi a arte.

Um amigo me disse que só na Itália há mais de 1.000 museus magníficos! Isso tudo porque o salvador espartalhão sempre pesquisa tudo sobre o lugar antes de visitá-lo. Vocês sabiam que a arte barroca na Itália evoluiu através do maneirismo? Esta evolução foi graças ao Concílio de Trento, que reclamava da arte capaz de suscitar a piedade através da austeridade.

No primeiro museu em que fomos, o quadro



mais mirabolante que vimos, foi a velocidade abstrata, o carro passou de Giacomo Balla (1871-1958), achei que parecia carros de tartaruga com água batendo, mas o estranho é que não tinha carro nenhum e a imagem parecia ser um vidro quebrado com tinta jogada, mas o salvage me disse que essa arte é apreciada pelos turistas, fazer o quê? Há gosto pra tudo!

No segundo museu havia outro quadro bem supimpa "O Funeral de Emarquisto de Galli", de Carlo Carrá (1897-1966), que parecia pessoas dançando na igreja, por causa do teto colorido igual a da igreja, então o salvage me explicou a mesma coisa, mas não dá pra entender né!

Os outros salvages começaram a me falar sobre os perfitos artistas italianos: Leonardo da Vinci que fez a "Mona Lisa", Michelangelo que esculpiu Davi, o tal de Michelangelo,



que conta e ele pintou pessoas formadas de frutas. Me  
contou também sobre os mosaicos de Cuzco, que  
as pessoas mentaram um a um para formar  
esta linda arte, mas para mim um gigante foi lá  
e recolheu o chão que estava cheio de tinta e deu aquilo.

Quando andei numa praça vi exposta ao  
público a escultura da "Esfera Grande" que  
parecia uma bola de gude imensa, mas o biscoito  
de mel disse que a obra era assim mesmo  
mas eu, Emilheresky, ainda não entendo a  
mochadura que vi nela.

Nossa! Essa viagem foi a mais "show  
de bola" que tive! Grande muito sem o biscoito  
além disso vivenciei momentos emocionantes  
ao ver os ótimos quadros italianos com muito histó-  
ria. Gostei muito de contar minha para você!!!  
Então me veja na próxima história! Até lá!!!



CENTRO EDUCACIONAL LEONARDO DA VINCI

Aluno(a): Maria Clara focal 5º ano: 21

Professor(a): Edinalda Data: 25 / 09 / 2012

Espaço para produção do desenho





Aluno(a): Ana Almeida Barros 5º ano: I1  
Professor(a): Edinalda L. da Silva Data:      /      / 2012

**Espaço para produção do texto**

Lá estava eu, sentada na varanda do lúcio ansiosa para o meu casamento com o Marquês de Rabicó. Já estava tudo pronto, só faltava o meu vestido de noiva e o maldito terno do noivo. Chique de doer que sou, precisava de um vestido mais moderno diferente daqueles remendos de Tia Nastácia. Também pensei em ir à cidade com Pedrinho para comprar o terno de Rabicó, mas acabei desistindo, pois seria muito difícil achar um terno que coubesse naquele porcalhão. Depois de um tempinho pensando, tive uma brilhante ideia: usar o pó de pirlimpimpim! Chamei Nazuzinho, que me disse que tinha lido em uma revista de Dona Benta sobre um estilista superfamoso da Itália, Emilio Pucci. Não deu outra e nos transportamos rapidamente para o cenário mundial da moda.

Chegando lá, fomos rapidamente procurar dicas de moda em revistas de uma banca e direto buscar uma roupa



para o Marquês, que tinha que ser quase do tamanho de uma baleia para que coubesse nele. Enfim encomendamos um terno tamanho G-G-G-G na loja "Ermenejildo Zegna", uma das marcas mais chiques de moda masculina da Itália e aproveitamos a oportunidade para comprar também para Pedrinho, Tio Barnabé e Visconde.

Finalmente tinha me livrado daquele bandido terno, mas faltava o meu vestido. Eu e Narizinho alugamos uma respa, aquela motinha comum na Itália, e fomos em direção ao ateliê do Emilio Pucci, de acordo com o endereço indicado na reserista. Sem saber quem era, perguntei a uma moça onde estava o Emilio e então ela me disse que ele estava morto. Ela era a filha dele. Ah! fiquei com uma raiva daquela Narizinho, que me fez passar pelo maior nico de todos. O espaço era todo espelhado, cadeiras e mesas de luxo e muitas roupas maravilhosas e diversificadamente coloridas, era tudo fantástico! Estava curiosa para saber o motivo dessas roupas com tantas cores e resolvi perguntar para aquela metida de nariz arrebitado da Narizinho. Pelo menos aquela



menina narra para alguma coisa pois me explicou que es-  
se tal de Emilio Pucci não tem um porquê exato para criar  
esses tecidos, mas, é que ele tem um estilo próprio e único.  
Esse "Príncipe das Estampas" também era um esportista  
afiado, que nadou, esquiou, jogou tênis. Suas primeiras nau-  
pas foram para uma equipe de ski, depois de ter ganhado uma  
bolota para o esporte. Daí ele foi aperfeiçoando essa técnica de  
roupas esportistas, depois produziu uma linha de moda praia e  
assim foi conquistando seu sucesso até chegar como está hoje  
em dia. Bom, vou parar de contar essas histórias de vida e  
carreira e vamos ao que interessava realmente na Itália, o meu  
vestido de noiva. Eu e Narizinho conversamos com Laudomia  
Pucci, a filha de Emilio Pucci, que rapidamente nos providenciou  
vários vestidos de festa e eu, claro, fui a primeira a esco-  
lher. Peguei um longo e escuro com estrelinhas e algumas ba-  
bandas, não era aquele vestido longo e branco comunzinho de  
todas as mulheres que casam, pois a noiva era a futura espo-  
sa do MARQUÊS de Palico, então esta roupa tinha que ser uni-  
ca e fabulosa. O vestido de Narizinho era bonito, ou melhor, bonito



me mas nem chegava aos pés do meu. Todas as roupas daquele espaço eram fantásticas e encantadoras, tão encantadoras que fiquei empolgada demais e comprei roupa para toda a turma do Sítio. Enfim, como tínhamos realizado a nossa tarefa naquela fabulosa viagem, pegamos o pó de pirulimlimpim e nos transportamos para o Sítio. Oh! que delícia foi estar no meu tão amado sítio outra vez depois de horas nesta viagem super convezinha, em que meus pezinhos já estavam doloridos. Houve tempo de entregar os presentes e contar o resuminho do emocionante passeio para todos e fui direto colocar meu vestido. Quando o padre chegou, já estava todo mundo lindo com as roupas novas. Na hora da cerimônia, vi que Laudomira estava lá, ao lado de Narizinho. Tio Barnabé, Tia Nastácia, Dona Benta, Visconde e Pedrinho também estavam presentes. Após a festa, todos foram dormir. No dia seguinte, levamos a Pucci ao aeroporto. Ela adorou a visita ao Sítio e disse também que iria voltar sempre que pudesse.



CENTRO EDUCACIONAL LEONARDO DA VINCI

Aluno(a): Arthur Gomes Chieppe 5º ano: 2  
Professor(a): Elaine Lopes Data: 18 / 09 / 2012

Espaço para produção do desenho





Aluno(a): Arthur Gomes Dias 5º ano: 12  
Professor(a): Cláudia Lopes Data: 10 / 10 / 2012

**Espaço para produção do texto**

Visconde na Era Medieval

Ainda bem que estou de volta ao Ditis / Cefei que a viagem não iria acabar nunca! Sempre gostei e estudei sobre a Idade Média e sempre quis visitar os Burgos Medievais com seus belíssimos castelos e muralhas. Há pouco tempo o meu sonho foi realizado!

Nesta viagem, fui para um pequeno Borgo Medieval chamado Monástica, junto com a dona Emília. Ela inventou muito para ir comigo, porque queria conhecer um grande artista de Florença chamado Michelangelo, que é famoso, dentre outras obras, pela escultura da Divida da Pietá. A boneca, muito conhecida, queria encomendar a ele uma escultura dela mesma e ainda fazer uma praça no Ditis em sua própria homenagem, para colocar a obra. Você pode acreditar nisso? Não a Emília mesma! Como



chegamos lá, mas só de pirlimpimpim. Quando chegamos, a primeira coisa que fizemos foi observar como era a arquitetura das construções nos templos medievais. Esculturas que eram feitas de bloco de pedras e davam a impressão de serem muito antigas. Naquela época, havia uma grande preocupação com a regularidade na construção.

Neste pequeno <sup>lugarinho</sup> havia um grande e bonito cartão cheio de mensagens. Visitamos esse cartão e logo depois fizemos uma caminhada até o topo da colina de São Bento. Emília reclamava toda hora que estava cansada e perguntava se faltava muito para chegar ao destino, mas no meio de toda aquela reclamação, tivemos a sorte de realizar o tão desejado encontro com Michelangelo. Emília ficou maravilhada e começou a falar sobre todos os detalhes que ela queria na escultura: nariz arrebitado e que, olhando de lado, o cabelo trançado seria e... Michelangelo ficou até maravilhado com tanta informação ao mesmo tempo e teve que anotar tudo para garantir que não iria esquecer de nenhum detalhe. Ele gostou tanto da Emília com suas ideias que resolveu nos



acompanhar até a casa do colono. Quando chegaram lá em uma forma  
surpreendida com uma belíssima vista do Bayão inteiro.  
Depois de colhermos cerejas e comprarmos alguns pro-  
dutinhos artesanais, esperamos Michelângelo terminar a escultura da  
Emília para podermos voltar ao Jitê. Com a escultura pronta,  
Emília pegou o pó de pintalimpim, porém o Minotau-  
ro apareceu e se roubou no exato momento em que iríamos  
fazer novo viagem no tempo. Ele disse que só desobedeceris-  
samos se o dermos a ele na partida de Tadeu Humano.  
Como fomos derrotados, ficamos presos no eis medeant  
para sempre. Eu e Emília nos olhamos arrebatados, sem en-  
tender do que retratava esse Tadeu Humano. Então fomos  
entrevistados com Michelângelo, pois ele nos explicou que esse  
jogo era uma tradição de Minotaurus. Essa tradição tinha  
início no ano de 1459, quando dois nobres guerreiros se apa-  
sionaram pelo mesmo mulher e decidiram disputá-la num duelo  
de sangramento. Porém, o pai da moça propôs aos dois guerreiros  
que se enfrentassem em uma partida de xadrez, na qual o vencedor  
dos xadrezes com ela. Desde então, o Tadeu Humano é rec-



ligado anualmente no castelo, com perna e cavalo de re-  
dade.

Emília não sabia jogar xadrez, na época da explicação  
de todas as regras por Michelangelo fez questão de ser a  
ainda, como não quis discutir com ela, aceitei a proposta.

Quando o jogo iniciou, fiz as primeiras jogadas, mas na vez  
do Minotaurus, como sempre Emília teve a grande ideia de  
ficar fazendo palhetada para distraí-la. E foi com esse  
método que conseguimos derrotar o Minotaurus e vencer  
o jogo para podermos voltar ao ditto.

Logo após vencer a partida de xadrez, a pega  
de volta após de pirlimpimpim, mas despetina do nariz  
quando ouço Michelangelo a pegamos a escultura da  
Emília para voltarmos ao ditto.

Quando chegamos lá, a Emília logo providenciou a  
praza com sua escultura feita por Michelangelo. O ditto  
na situação terrível, pois todos queriam ver a escultura  
feita pelo grande escultor.